



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GABRIELA NUNES GOMES CAZUZA DE LIMA

**ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ: a atuação da Liga de Estudos para Paz e
Análise de Conflitos (LEPAC) na Escola Municipal Leonel Brizola**

João Pessoa

2025

GABRIELA NUNES GOMES CAZUZA DE LIMA

**ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ: a atuação da Liga de Estudos para Paz e
Análise de Conflitos na Escola Municipal Leonel Brizola**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel(a) em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Mariana Baccarini

João Pessoa

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732a Lima, Gabriela Nunes Gomes Cazuza de.

Arte, mudança ideacional e paz: o trabalho da Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos (LEPAC) na Escola Municipal Leonel Brizola / Gabriela Nunes Gomes Cazuza de Lima. - João Pessoa, 2025.
40 f.

Orientação: Mariana Baccarini.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Arte. 2. Mudança ideacional. 3. Paz. 4. Violência. 5. Ideias para mudança institucional. I. Baccarini, Mariana. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327(043)

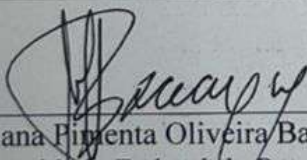
GABRIELA NUNES GOMES CAZUZA DE LIMA

**ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ: A ATUAÇÃO DA LIGA DE ESTUDOS PARA
PAZ E ANÁLISE DE CONFLITOS NA ESCOLA MUNICIPAL LEONEL BRIZOLA**

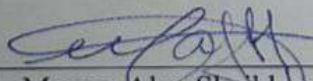
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações
Internacionais.

Aprovado(a) em, 25 de setembro de 2025

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Mariana Pimenta Oliveira Baccarini – (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Pascoal Teófilo Carvalho Gonçalves
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Regina e Cazuza, que além de muito amor, me deram tudo o que eu precisei (e não precisei, também) para chegar até aqui. Obrigada por realizarem todos os meus sonhos.

À Rose, que desde pequena me dá todas as minhas comidas favoritas.

À minha família estendida, que sempre demonstrou carinho e orou por mim.

Às minhas meninas, Luana, Lis, Sofia, Talita e Lalá, que acompanharam muitas das minhas fases. Vocês são o melhor que a amizade feminina poderia me proporcionar.

Aos meus amigos mais próximos, Rômulo, Alexandre e Felipe, por me escutarem, me fazerem rir e rirem da minha cara também. Vocês são importantes pra mim.

Aos amigos que fiz na faculdade, Yuri, Malu, Mari e Misael, com quem pude descobrir o que mais amo fazer. Vocês sempre terão um lugar pra ficar onde eu estiver e serão a maior lembrança dos meus anos universitários.

À SIPEMPBMUN, em especial meu secretariado: Isadora, Pedro Vieira, Maitê, Ravi, Amanda, Mari, Hobyn, Ana Maria, Helena, Pedro Cavalcanti, Laís, Clara e Milena. Vocês ressignificaram meu último ano de graduação.

Agradeço à minha orientadora, Mariana Baccarini, que admiro. Fazer essa pesquisa com a senhora foi a coisa mais importante e bonita da minha graduação.

Agradeço ao LEPAC, ao qual tenho grande expectativa e que me deu um outro senso do que é paz. E ao PEMI, que foi o que acendeu meu desejo pela pesquisa.

Agradeço a Eduardo, meu namorado, que em quatro anos de curso, passou três anos e meio comigo. Você foi quem acompanhou o meu trabalho mais de perto e o que mais torceu por ele. Obrigada por nunca me deixar duvidar do meu potencial, te levo comigo por onde for.

Em último mas não menos importante, gostaria de agradecer a minha irmã, Lara, que em 2009 me deu o papel de irmã e a incumbência de ser um exemplo e alguém admirável, o qual vejo que me tornei em seus olhos. Isso é o que mais me motiva.

Provamos repetidamente que, por meio das artes e da comunicação aberta, a paz e o amor são absolutamente possíveis. Nossa luz precisa continuar a brilhar com mais intensidade nos cantos mais escuros para que todos tenham um lar seguro e saudável, independentemente de raça, religião, filiação política, gênero ou posição social. Por meio das artes e da criatividade, nasce o amor. E com amor, tudo é possível! – Wendy Black-Nasta

ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ: o trabalho da Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos na Escola Municipal Leonel Brizola

Gabriela Nunes Gomes Cazuza de Lima

Resumo

O presente trabalho explorou dois campos teóricos da ciência política – Mudança Institucional e Estudos para Paz – a fim de relacioná-los por meio da arte, com o objetivo de analisar o papel das ideias na mudança institucional e como estas podem ser influenciadas pela arte para a construção da paz. Posteriormente, o artigo explora um estudo de caso sobre a Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos e seu trabalho numa escola municipal em João Pessoa, capital da Paraíba. Para a base teórica, o projeto utilizou uma metodologia qualitativa e interpretativa por meio de uma revisão de literatura específica para cada campo e unindo seus conceitos. Os dados para o estudo de caso foram coletados por meio de observação participante não participante e de entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa demonstra que os dois campos estão consideravelmente conectados, principalmente ao analisar conceitos como “transformação de conflito”, “mudança social”, “mudança ideacional”, “paz” e “violência estrutural”. Como resultado, o trabalho indica a notável relação da arte como instrumento para impacto das ideias, causando uma mudança institucional em direção à construção da paz e analisa essa teoria nas práticas voluntárias da Liga.

Palavras-chave: Arte; Mudança Ideacional; Paz; Violência; Ideias.

Abstract

This study explores two theoretical fields in the political science – Institutional Change and Peace Studies – to connect them through art, with the aim of analyzing the role of ideas in institutional change and how they can be influenced by art for peacebuilding. Subsequently, the article explores a case study of the Academic League for Peace Studies and Conflict Analysis and its work at a municipal school in João Pessoa, the capital of Paraíba. For the theoretical basis, the project used a qualitative and interpretative methodology through a literature review specific to each field and combining their concepts. Data for the case study were collected through non-participant participant observation and semi-structured interviews. The research demonstrates that the two fields are significantly connected, particularly when analyzing concepts such as "conflict transformation," "social change," "ideational change," "peace," and "structural violence." As a result, the work highlights the remarkable relationship of art as an instrument for the impact of ideas, causing an institutional shift toward peacebuilding, and analyzes this theory in the League's voluntary practices.

Keywords: Art; Ideational Change; Peace; Violence; Ideas.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Triângulo da Violência	15
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Copac	Coordenação de Programas de Ação Comunitária
EPP	Estudos para Paz
ID	Institucionalismo Discursivo
LEPAC	Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos
MI	Mudança Institucional
Proex	Pró-Reitoria de Extensão
TIPB	Cinto Internacional da Paz
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PAZ, VIOLÊNCIA E CONFLITO.....	12
3 O PAPEL DAS IDEIAS.....	17
4 ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ.....	20
5 O TRABALHO DA LIGA ACADÊMICA DE ESTUDOS PARA PAZ E ANÁLISE DE CONFLITOS (LEPAC).....	25
5.1 Ações sociais nas Escola Municipal Leonel Brizola.....	26
5.2 Experiências dos voluntários.....	30
5.3 Reflexões sobre os dados coletados.....	34
6 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
APÊNDICE A – PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA.....	39

1 INTRODUÇÃO

Foi por causa de uma ideia que a artista Wendy Black-Nasta criou, em 2003, o Cinto Internacional da Paz (TIPB, do inglês *The International Peace Belt*). Após passar dez anos projetando artigos sagrados — como bacias batismais, taças de kidush¹ e tigelas de oferendas para um mosteiro budista — Black-Nasta foi questionada, em 2000, por um jornalista o que ela, como artista, poderia criar com as moedas europeias que estavam sendo retiradas de circulação, já que o euro estava sendo introduzido como unidade de conta desde 1999. Por meio dessa reflexão, a artista chegou à ideia do TIPB e passou dois anos e seis meses coletando moedas de todo o mundo, por meio de sua relação com clientes, amigos e família. Em 2003, com a ajuda de dois aprendizes e vários colegas da universidade, o Cinto foi criado com a ideia de ser um objeto sagrado — forma de arte comum a Black-Nasta — que fosse usado por artistas como uma conexão entre todas as culturas: “eu queria que isso se tornasse um símbolo da paz mundial” (Black-Nasta, 2024).

Desde então até 2024, o Cinto foi usado por milhares de pessoas e viajou 35 países, traçando quatro continentes. Chegando primeiramente na Índia, a notícia do TIPB foi consideravelmente disseminada e pessoas começaram a requisitar sua presença em seus próprios países. Devido à necessidade de organização da logística do Cinto, Wendy fundou a “*Artists for World Peace*” — que mais tarde se tornou uma organização focada em levantar fundos e apoiar causas humanitárias —, estabelecendo que os únicos requisitos para usá-lo eram: 1) meditar sobre a paz mundial; e 2) concordar em ser parte da documentação da viagem do Cinto.

Wendy Black-Nasta tem uma visão de mundo pacífica, valorizadora das culturas e incentivo do protagonismo humano. Ao relatar sua experiência com o Cinto num artigo para a revista *Peace & Change* (Black-Nasta, 2024), a artista expõe que a mudança social pode ser alcançada passo a passo, sendo a arte uma ferramenta poderosa para essa construção. Seu trabalho, de maneira geral, reflete sobre a ideia de que o verdadeiro entendimento da paz vai além da ausência de guerra, mas também sobre a erradicação da pobreza, da desigualdade social e o alcance do bem-estar.

Apesar de não falar de teoria, as atitudes da artista revelam uma conexão entre dois importantes campos das ciências sociais e das relações internacionais: Mudança Institucional e Estudos para a Paz (EPP). Os EPP transmitem uma visão mais extensa e completa do que

¹ Ritual judaico de oração e bênção sobre o vinho, feita pelo chefe de família na refeição que dá início ao Shabat, na sexta-feira à noite.

seria paz, assim como Wendy acredita, dividindo em uma tipologia de paz negativa — a ausência de guerras — e paz positiva — a ausência de violência estrutural e cultural. A partir disso, outros conceitos são importantes para o campo, como as tipologias da violência — direta, estrutural e cultural — e transformação de conflitos.

Por outro lado, Mudança Institucional (MI) discute sobre como as instituições — formais e informais² — mudam. Os diferentes tipos de institucionalismo trazem visões divergentes sobre esse fenômeno, mas todos possuem uma certeza e uma dificuldade em comum: as instituições mudam, mas é difícil explicar o como (Campbell, 2004). Entre conceitos de *path-dependence*, evolução pontuada e equilíbrio pontuado, uma das falhas frequentes dos novos institucionalismos é desconsiderar a importância das ideias (Perissinotto; Stumm, 2017). Embora já se pondere, as ideias têm sido interpretadas como um meio de preencher lacunas das teorias, mesmo que seu papel seja muito mais ativo e impactante nos processos de mudança. Ao relacionar os três campos — Mudança Institucional, EPP e Arte — é notável que a vertente da mudança ideacional no institucionalismo é o mais influenciado pela arte, justamente por suas características abstratas e dinâmicas, que dialogam não só com a razão, mas com outras formas de expressão. Dessa forma, a vertente do campo referente às ideias será o foco deste trabalho.

Essa teoria é exemplificada na prática do estudo de caso sobre a Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos (LEPAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Iniciando seu trabalho a partir de 2024, a Liga promove ações na Escola Municipal Leonel Brizola, utilizando dinâmicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991), com o foco de entender a realidade em que as crianças da instituição pública estão inseridas e as ajudarem a entender o que elas passam, o seu potencial apesar das circunstâncias e importância de abandonar e subverter os meios violentos, construindo a paz.

Esses itens já deixam claro a justificativa e relevância do projeto. Entender como as ideias podem provocar uma mudança institucional em direção à paz positiva deve ser de grande interesse para a comunidade acadêmica, mas também para os que trabalham com *peacebuilding* ou áreas correlacionadas, como proteção aos direitos humanos e melhoria da qualidade de vida. A partir do momento em que o papel das ideias na mudança institucional e na transformação de conflitos é compreendido, novos conceitos e hipóteses podem surgir da correlação entre os dois campos teóricos. Pelo lado utilitário, novas dinâmicas e técnicas

² No tópico 2 – “O papel das ideias” –, a definição de instituições formais e informais é feita com base em Campbell (2004), que defende as instituições formais como firmadas por tratados e as informais como configuradas pela cultura, costumes e valores.

podem ser introduzidas nas práticas de *peacebuilding* com a finalidade de se conectar com um lado mais abstrato e complexo do processo.

Com isso, esse artigo procura analisar o papel da arte enquanto vetor de promoção de ideias que visam a transformação de conflitos, em direção à paz positiva. Ainda, a pesquisa visa entender melhor o impacto das ideias na mudança institucional e aprofundar os estudos sobre a arte e construção de paz, além de analisar a arte enquanto vetor de mudança ideacional nas ações feitas pelo LEPAC. Correlacionando esses objetivos, a pesquisa pretende compreender a interferência das ideias na MI, ressaltando a essencialidade da mudança ideacional, e como essa influência pode ser usada por meio da arte na construção da paz, respondendo a pergunta que norteia essa pesquisa: como arte pode provocar uma mudança ideacional em prol da paz positiva?

Para formulação da base teórica, o trabalho realizou uma revisão de literatura específica para cada campo acadêmico, utilizando autores centrais e suas contribuições. Essa revisão seguiu uma abordagem qualitativa e interpretativa, procurando explorar os conceitos centrais de cada teoria e interligá-los. O conteúdo foi estabelecido e estudado fazendo uma análise de conteúdo (Bauer; Gaskell, 2000). Nos EPP, os autores estudados foram Johan Galtung (1969; 1996), John Paul Lederach (2004; 2015), Marcos Alan Ferreira (2019) e G. C. Oliveira (2017). Já para estudar ideias e seu impacto no campo de Mudança Institucional, os autores utilizados foram John L. Campbell (2004), Mark Blyth (2011), James G. March e Johan P. Olsen (1977) e Vivien A. Schmidt (2010;2011). Por fim, para entender a arte e relacioná-la com a mudança ideacional e a construção da paz, foram explorados os teóricos Roland Bleiker (2018), Augusto Boal (1991), Miguel Chaia (2007) e Michael Shank e Lisa Schirch (2008). Para essa parte, além disso, foram usados materiais conseguidos por meio de periódicos especializados em EPP, como *Journal of Peace* e *Peace & Change*.

Em relação ao estudo de caso, foi feito de forma exploratória com base no problema, na pergunta de pesquisa, nos objetivos e na base teórica apresentados previamente. As unidades de análise do estudo são as ações da LEPAC e entrevistas com alguns voluntários das ações, que trazem suas experiências acadêmicas e pessoais. A seleção de pessoas para as entrevistas seguiu uma lógica qualitativa com um critério de relevância, ao notar sua assiduidade e participação nas atividades feitas na escola. Nos dizeres de Bauer e Gaskell (2000:68), a finalidade dessas entrevistas “não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

Assim, considerando as duas unidades selecionadas, os métodos de coleta de dados seguem o princípio de triangulação, consistindo em observação participante não participante –

já que a autora deste trabalho estava presente nas ações mas não participou das dinâmicas, traçando uma descrição por meio dessas observações – e entrevistas, o que é visto como uma “observação participante”, considerada “a forma mais completa de informação sociológica” (Becker; Geer, 1957 *apud* Bauer; Gaskell, 2000). Essas entrevistas foram feitas individualmente, pois o tópico da pesquisa se refere a experiências individuais e escolhas pessoais, e foram gravadas e transcritas. O método de análise é temático – ou seja, as entrevistas são investigadas por tema (Guazi, 2021) – seguindo uma lógica qualitativa e de conteúdo, empregando como códigos relativos à experiência, à percepção e à teoria estabelecida, como “arte como instrumento”, “violência”, “vivência pessoais”, “desabafo”, “conforto” e “desconforto”. Mas ressalta-se que há uma perda de informação inevitável ao passar o conteúdo de entrevistas pessoais para um relatório escrito (Bauer; Gaskell, 2000).

Optou-se pelo uso de entrevistas semi-estruturadas, que apresenta uma forma mais fluida de interação, se assemelhando a uma conversa, combinando perguntas abertas e fechadas e dando abertura para que o entrevistado possa divagar sobre o tema (Boni; Quaresma, 2005). As questões são previamente construídas, mas o roteiro não precisa ser seguido à rigor, o que favorece a prática investigativa e respostas mais espontâneas (Boni; Quaresma, 2005). Outros autores de metodologia, como Opdenakker (2006) também defendem as entrevistas “cara-à-cara”, pois permite capturar outros “dados” não convencionais, como o tom de voz e linguagem corporal, que, dependendo do tema abordado, podem servir de indicativos. Dessa forma, as perguntas arquitetadas – disponibilizadas no Apêndice – giram em torno das expectativas e experiências dos voluntários, tentando entender o que eles percebem como impacto da Liga na escola até o momento atual. O trabalho preserva os voluntários em anonimato, substituindo seus nomes verdadeiros pelos nomes fictícios: Robervalton, Euzenilde, Clodovinho, Josianira, Creuzinete e Teresolina.

No próximo capítulo, são explorados os conceitos de paz, violência e conflito a partir da ótica dos EPP e seus principais autores. Seguido disso, investiga-se o significado e o papel das ideias na mudança institucional, focando em atores da virada ideacional. No quarto capítulo, o trabalho compreende qual pode ser o impacto da arte nas ideias e tece a relação entre arte, mudança ideacional e paz, correlacionando conceitos dos capítulos anteriores. No quinto ponto, é apresentado o estudo de caso centrado nas práticas voluntárias promovidas pela LEPAC na Escola Municipal Leonel Brizola.

2 PAZ, VIOLÊNCIA E CONFLITO

O campo de Estudos para Paz surgiu no século XX com o objetivo de trazer importância e direcionar a atenção para os vários tipos de violência. Um dos pioneiros no campo, Johan Galtung (1969), traça, a partir da década de 60, uma nova conceituação de violência, paz e conflito, e uma interpretação subversiva de como a violência funciona no cotidiano social. Seus estudos indicam como o surgimento de novas ideias e a alteração no entendimento do *status quo* podem trazer novas perspectivas e, consequentemente, formas inovadoras de lidar com conflitos. Com isso, a forma como os indivíduos pensam, foram criados e o que acreditam se tornam fatores essenciais para entender por que e como conflitos ocorrem. Considerando a obra de John Paul Lederach (2005), outro autor central dos EPP, este trabalho preserva o pensamento de que, ao cultivar ideias de respeito e consideração, as pessoas permanecem em paz. Ao nutrir ódio, rancor e desprezo, os sujeitos desumanizam o outro e não conseguem enxergar o conflito para além da violência.

Antes de prosseguir, é importante esclarecer que os EPP é uma área do conhecimento que possui várias nuances dependendo do recorte geográfico, temporal e temático. Vários especialistas, estudantes e escritores enquadram o campo em diferentes instâncias, seja como uma disciplina independente ou uma subárea de outra, como Relações Internacionais e Ciências Sociais. Assim, os EPP visam a transdisciplinaridade – a superação das barreiras disciplinares – em busca de uma abordagem holística, o que contribui para os avanços da área (Ferreira et al., 2019).

Dessa forma, Johan Galtung, delineou os conceitos centrais para os EPP, sendo eles paz, violência e conflito. Galtung (1969) define paz como a ausência de violência, tendo fins sociais atingíveis e caracterizada pela universalidade. Pode ser dividida em dois tipos distintos: a paz negativa e a paz positiva. A paz negativa refere-se à mera ausência de violência direta e pessoal, que produz danos visíveis, físicos e materiais, sendo o seu principal exemplo a ausência de guerras diretas, com soldados e armas. Por muito tempo, a definição de paz negativa foi a única conceitualização do que seria paz. Vários países foram considerados pacíficos por não estarem comumente envolvidos em guerras, como o Brasil, que é conhecido por sua tradição diplomática. No entanto, a distinção dos tipos de paz por Galtung (1969) demonstra que a existência de um meio pacífico está muito além dessa simplificação. Já a paz positiva implica a ausência de violência estrutural e cultural, que afetam a sociedade de maneira latente e pouco perceptível, mas que gera impactos nocivos de difícil mudança, por estarem imbuídas na estrutura das instituições formais e informais, no pensamento e no dia a dia. Assim, para entender de fato a paz positiva, é necessário entender a tipologia da violência.

A violência física é traduzida por agressões corporais, diretas e pessoais, que trazem prejuízos físicos e visíveis, como ferimentos, lesões, contusões e mortes por ataques tangíveis (Galtung, 1969). Já a violência estrutural refere-se à uma ameaça contra a qualidade de vida dos indivíduos, principalmente parcelas marginalizadas da sociedade. Em outras palavras, Galtung (1969) define a violência indireta como quando os humanos são influenciados de forma que suas realizações mentais e práticas sejam menores que as potenciais. Ou seja, violência estrutural é quando um indivíduo que deveria ser capaz de usufruir de saúde, saneamento básico, segurança, educação, entre outros direitos e lares básicos, não o consegue, tornando sua realidade muito diferente daquilo que deveria ser (Galtung, 1969). Por isso, o preceito básico desse tipo de violência é a desigualdade, com destaque na distribuição de poder. Como essa realidade violenta é estável, ela não é escancarada e clara aos olhos da sociedade, ela é normalizada e até vista como algo intrínseco ao cotidiano e à realidade social, tornando ainda mais difícil lutar contra ela. Nas palavras de Galtung (1996:197): “Eu vejo a violência como insultos às necessidades básicas humanas, e de maneira geral, à vida, que poderiam ser evitados, rebaixando o nível de satisfação dessas necessidades em relação ao que é potencialmente possível”.

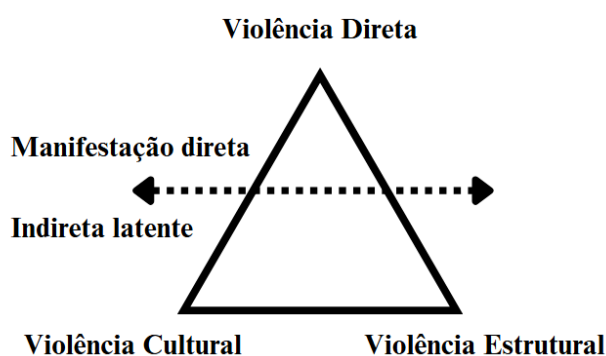
Essas violências possuem diferentes dimensões, de acordo com Galtung (1969). Elas podem ser físicas ou psicológicas, com abordagens negativas – que causam prejuízo – ou positivas – que incentivam um comportamento desejado pelo influenciador –, podem ter ou não a presença de um objeto ferido e/ou de um sujeito ator, podem ser intencionais ou não intencionais e observáveis ou latentes. Essas dimensões são importantes para identificar as violências para entender o que é necessário para combatê-las. Por exemplo, muitas vezes o conflito não parece ter um sujeito específico violento, mas considerando que a violência estrutural se refere às condições sociais ou estruturas que causam sofrimento ou até mesmo uma privação indireta, o sujeito que pratica a violência deste conflito pode ser o próprio Estado. Ele pode repercutir certas dinâmicas políticas e sociais que subjugam as periferias do país, o que pode ser exemplificado pela falta de saneamento básico e de um sistema público de saúde de qualidade. O que Galtung (1969) escreve possibilita o entendimento de que violência não é só matar, mas também é deixar morrer.

Galtung (1996) aborda também uma terceira violência, denominada de cultural ou simbólica. Ela acontece quando aspectos culturais simbólicos são usados para justificar ou legitimar violência direta ou estrutural. Esses símbolos podem ser de origem de diversas esferas, como da religião, de ideologias, da linguagem, da arte, da ciência empírica e da ciência formal. Dessa forma, é importante ressaltar que culturas em si geralmente não são

violentas em sua completude, mas diversos aspectos delas podem ser usadas para fomentar atos violentos. Por outro lado, tendo em vista que a paz cultural é quando aspectos culturais e subjetivos justificam e legitimam a paz, se muitos desses aspectos forem encontrados numa certa cultura, ela é caracterizada como uma cultura pacífica (Galtung, 1996)

Nesse mesmo texto, Galtung (1996) usa um arquétipo da estrutura violenta para representar as dinâmicas de poder dentro do sistema. Nisso, a violência indireta pode se traduzir em formas de exploração, onde existem os *topdogs*, aqueles que se aproveitam da violência para atingir seus objetivos às custas de outros, e os *underdogs*, que são explorados pelos *topdogs*. Ressalta-se que essa exploração nem sempre gera circunstâncias em que um perde e outro ganha, mas também pode ser exemplificada por um processo de troca não equivalente, em que os *topdogs* ganham mais e os *underdogs* podem entrar em tanta desvantagem que culminam para a morte. Dessa forma, é observável na violência estrutural formas de manipulação que impedem a conscientização e a mobilização coletiva dos *underdogs*. A partir da conceitualização e da tipificação de violência e considerando todos os fatores discutidos, Galtung (1996) constrói a imagem do “triângulo da violência” para entender a relação entre as tipologias bem como uma certa causalidade entre elas, sendo cada uma delas um dos vértices desse triângulo.

Figura 1 – Triângulo da Violência



Fonte: Produção própria, baseado nas contribuições teóricas de Galtung (1996)

Os três tipos de violência têm realidades temporais distintas: enquanto a violência direta é um evento, a violência estrutural é um processo e a violência cultural uma invariável permanente. É muito comum que a violência cultural, representada por um símbolo de crença ou costume, instigue uma violência estrutural, imbuindo essa crença na estrutura das instituições, o que pode gerar resultado em violência direta. Por outro lado, a violência direta

pode iniciar esse ciclo: na época da escravidão, pretos eram capturados, feitos escravos e passavam por agressões físicas constantes; esse fator se normalizou na estrutura da época, o que em breve se tornou “cultural”, com ideais racistas perpetrando a sociedade (Galtung, 1996). Esse processo é incentivado pelos *topdogs* porque traz estabilidade do seu poder, já que mantém um certo grupo subjugado ao longo do tempo. Por mais que, atualmente, a escravidão não seja escancarada como antes, a violência continua a trazer prejuízos à população preta pelo ciclo iniciado no passado. Isso deixa claro que “violência gera violência” (Galtung, 1996).

Já os conflitos são vistos como “situações dentro do sistema social em que objetivos irreconciliáveis de cada um lutam pelo domínio do outro” (Grotten; Jansen, 1981:177 *apud* Ferreira et al., 2019). Muitas vezes, os conflitos iniciados a partir da violência na estrutura ou na cultura geram um tipo de violência direta para “quebrar a gaiola da exploração” (Galtung, 1996). Historicamente, a violência direta foi também utilizada para subverter uma dinâmica de poder e para lutar contra outras violências, a exemplo de grupos guerrilheiros armados, como o grupo de luta antirracista armado dos Estados Unidos (EUA), os Panteras Negras. Por isso é importante entender e explorar o conflito antes de procurar meios de acabar com a violência do mesmo: esses conflitos podem ter sido iniciados por motivos válidos, por algo que precisa mudar na sociedade e nas instituições.

Para Lederach (2005) a transformação de conflito é uma mudança social, o que também fica claro em outros trabalhos: “o conflito é normal nas relações humanas e é um motor de mudança” (Lederach, 2014:12). Então são construídas nos EPP três formas distintas de como tratar conflitos. A primeira delas é *conflict management*, que consiste na contenção do conflito. A segunda é *conflict resolution*, que procura uma resolução, objetivando que os atores deixem de utilizar a violência. Essas duas formas de lidar com o conflito são definidas como dissociativas, que focam parar os meios violentos separando os indivíduos e/ou grupos envolvidos, um tipo de solução que não é o foco de Galtung e da maioria dos *peacebuilders* (Boulding, 1977 *apud* Ferreira et al., 2019).

Por fim, o *conflict transformation*, é entendido como uma transformação radical nas instituições formais e informais que difundem violência, com finalidade na reconciliação. Essas formas são conhecidas como associativas, e pretendem estabelecer o diálogo entre as duas partes (Ferreira et al., 2019). Lederach (2014) defende a troca do termo “resolução de conflitos” por “transformação de conflitos”, ao conversar com pessoas de outras realidades em suas viagens de trabalho para construção da paz. Durante esses diálogos, Lederach percebeu que alguns conflitos são necessários, mas o modo como se lida com eles precisa ser

transformado, a fim de trocar meios violentos para formas pacíficas, sendo fundamental compreender as raízes dos conflitos para transformá-los. Ao entender que num ambiente de violência indireta a busca pela paz também é uma luta constante por meio do confronto, é preciso uma nova perspectiva para lidar com esses embates.

Os objetivos de transformação e mudança social já demonstram uma ligação com o campo de Mudança Institucional. Como este trabalho foca nos vértices de violência estrutural e cultural do triângulo, é necessário entender que, se as ideias, abordadas pelo institucionalismo, são rancorosas e agressivas, o conflito e o cotidiano acontecerão por meios violentos. Por outro lado, se elas forem pacíficas e enxergarem o potencial social dentro das circunstâncias, o conflito seguirá uma dinâmica mais direcionada à paz. Para aplicar essa lógica, é necessário entender o papel das ideias na mudança institucional e na transformação de conflitos.

3 O PAPEL DAS IDEIAS

Não existe uma verdadeira transformação de conflitos se as pessoas envolvidas não mudarem certas percepções violentas e preconceituosas em prol da paz. Essas percepções são pautadas em ideias adquiridas ao longo do tempo, que se traduzem em costumes, valores, decisões e ações. Com isso, para além de representações abstratas, as ideias são ferramentas dinâmicas utilizadas tanto para a interpretação quanto para a manipulação. Dessa forma, as ideias orientam a essência de uma ação e/ou decisão, o que se conecta com a necessidade de gênese e disseminação de ideias pacíficas para a transformação de conflitos.

De forma geral, o neoinstitucionalismo busca entender o funcionamento e a necessidade das instituições, embora o próprio conceito de “instituição” não seja um consenso no meio acadêmico. Neste trabalho, foi considerada a definição trazida por Campbell (2004), que vai além do entendimento de instituições formais como firmadas por tratados, como Estados e organizações internacionais, e instituições informais configuradas pela cultura, costumes e valores.

“As instituições são a base da vida social. Elas consistem em regras formais e informais, mecanismos de monitoramento e aplicação, e sistemas de significados que definem o contexto no qual indivíduos, corporações, sindicatos, Estados-nação e outras organizações operam e interagem entre si. As instituições são acordos resultantes de lutas e negociações. Elas refletem os recursos e o poder daqueles que as criaram e, por sua vez, afetam a distribuição de recursos e poder na sociedade.” (Campbell, 2004:1, tradução própria)

Independentemente de sua vertente, o novo institucionalismo traz em sua base teórica a estabilidade das instituições, como elas são construídas mas dificilmente deixam de existir, explorando também fenômenos como difusão e dependência da trajetória (Campbell, 2004). No entanto, as instituições somente se mantêm firmes porque passam por mudanças, possibilitando que se adequem aos contextos específicos de cada espaço e tempo, o que constitui uma percepção paradoxal ao relacionarmos com a característica de estabilidade. Para Schmidt (2010): “os três tradicionalmente conhecidos ‘novos institucionalismos’ da ciência política [...] têm uma coisa em comum: eles têm sido muito melhores em explicar continuidade do que mudança”.

Apesar dos novos institucionalismos terem tentado incorporar as ideias em suas teorias, eles falham ao dar um papel utilitarista para as mesmas, como se elas fossem apenas recursos para preencher lacunas das teorias. No entanto, as ideias são fatores essenciais explicativos para fenômenos políticos e sociais, inclusive na mudança institucional. Enquanto a virada ideacional não for completa nesses institucionalismo, eles continuarão a ter dificuldades intensas em explicar como as instituições — formais e informais — mudam.

Mas, o que são ideias? As ideias são construções cognitivas e normativas que regem a ação política (Schmidt, 2010 *apud* Perissinotto; Stumm, 2017). Segundo o Institucionalismo Discursivo (ID), as ideias possuem autonomia perante os interesses, tendo impacto sobre os desejos dos atores. Esses interesses são constituídos pelo o que os atores percebem de si mesmo e de sua posição no mundo. Dessa forma, tais preferências precisam ser explicadas dentro da teoria, e não simplesmente tidas como dadas, um erro frequente dos outros neoinstitucionalismos. Ainda, as ideias se configuram como variáveis explicativas porque permitem entender a causa e o como de certas ocorrências. Afinal, os atores são seres reflexivos, que emitem discursos e que tratam a política não apenas como uma mera dinâmica de poder, mas sim como uma interação discursiva produtora de aprendizado (Perissinotto; Stumm, 2017). Isso também implica o fato de que os indivíduos, a partir do entendimento do papel das ideias, devem ser vistos como seres intercambiáveis já que diferentes pessoas possuem diferentes ideias que geram respostas divergentes.

Algumas conceituações de ideias são mais generalistas, mas caem no trivialismo, como “perspectivas intelectuais” e “visões sobre o funcionamento do mundo” (Goldstein; Keohane, 1993; Hogan; O’Rourke, 2014 *apud* Perissinotto; Stumm, 2017). Porém, a comunidade acadêmica tenta operacionalizar essas definições para o avanço das pesquisas, com a produção de uma tipologia das ideias, organizadas segundo seus possíveis impactos. Dentro disso, Searle (2002 *apud* Perissinotto; Stumm, 2017) define *background* como o saber

prático condizente com o contexto cultural em que o indivíduo vive. Essas ideias funcionam como crenças e valores naturalizados, estabelecidos não apenas na mente racional do indivíduo, mas no seu lado emocional e infraconsciente.

Enquanto isso, o *foreground* representa uma tipologia mais objetiva das ideias, sendo aquelas “usadas e articuladas estrategicamente pelas elites políticas” (Campbell, 1998 *apud* Perissinotto; Stumm, 2017). O impacto das ideias, segundo os teóricos, pode ser verificado se for identificado seu conteúdo, fazer o uso de um desempenho comparativo, a aplicação de um procedimento de congruência e a realização de um *process tracing*. Primeiramente, é necessário delimitar o conteúdo que as ideias apresentam, identificando o que a faz diferente de pensamentos dentro da normalidade. Em seguida, é feita uma comparação entre o desempenho dessa ideia específica com outro pensamento já bem difundido. O procedimento de congruência é feito então, buscando identificar se as decisões do agente que possui essa ideia é consistente com a mesma. Por fim, o *process tracing* objetiva mostrar esse mecanismo causal que liga ideia e decisão (Perissinotto; Stumm, 2017).

March e Olsen (2008) enfatizam a autonomia relativa das instituições – que não são apenas reflexos das forças sociais mas também moldam a sociedade enquanto são moldadas por ela – e a importância da ação simbólica, defendendo que, para além dos resultados instrumentais, “a política está organizada em torno do desenvolvimento de significados, por meio de símbolos, rituais e cerimônias” (March; Olsen, 2008:122). Essa ação simbólica age sobre as ideias não meramente como uma manipulação, mas também cria e confirma interpretações, conceitos compartilhados e uma coerência na vida social e política. Esse fator age sobre a estrutura das instituições, sendo essencial para entendê-las.

Aliado a isso, Schmidt (2011) posiciona instituições como “estruturas que simultaneamente restringem e permitem construções internas aos agentes ‘sencientes’ (pensantes e falantes)” (Schmidt, 2011:48). A virada ideacional representa então essa progressão natural dos neoinstitucionalismos ao considerar ideias e discurso como centrais para análise. Com isso, Schmidt (2011) descreve ideias como forças causais, que ajudam os indivíduos a tomarem decisões e que são o principal alvo dos políticos. Além disso, ideias formam os interesses e são fundamentais nas mudanças institucionais, ao enxergar que parte do processo ocorre dentro das próprias instituições, com mudança ideacional e uso de discurso para trocar pensamentos e convencer o outro de certas ideias. Seguindo a mesma linha de pensamento, Blyth (2011) critica algumas suposições “tomadas como dadas” – o equilíbrio estático das instituições, a causalidade linear, fontes exógenas de mudança e resultados normalmente distribuídos.

Ao apontar a incerteza, a não-linearidade e a interdependência do sistema, Blyth (2011) coloca as ideias como fundamentais para entender mudança, definindo-as como “as estruturas que os agentes desenvolvem e implementam para dar sentido ao mundo, as armas e projetos que os agentes usam para (re)estruturar seu mundo e as convenções para as quais os agentes convergem e que dão estabilidade a esse mundo.” (Blyth, 2011:84, tradução própria). Dessa forma, o autor eleva a virada ideacional para um outro nível, propondo uma “ciência social ideacional”, utilizando o conceito de ideais como base de uma estabilidade contingente – ao pensar que instituições e normas são resultado das tentativas dos agentes em superar incertezas. Ainda, Blyth se centra numa perspectiva evolucionária, já que sistemas sociais são “sistemas adaptativos complexos repletos de ciclos de feedback, consequências não intencionais e dinâmicas não lineares.” (Blyth, 2011:97, tradução própria).

A centralidade necessária às ideias no processo de mudança institucional é corroborada no ID, o quarto novo institucionalismo. De acordo com Schmidt (2011), a premissa do ID é que os atores utilizam discursos – que não são apenas o que é falado, mas também como, onde, quando e para quem é dito – para gerar e legitimar ideias. Para isso, segue uma lógica de comunicação e apresenta uma abordagem dinâmica para explicar tanto mudança quanto continuidade nas instituições, dando papel central às ideias, que são disseminadas pelo discurso. Nesta forma de neoinstitucionalismo, as ideias recebem maior atenção e destaque, enxergada como base para a tomada de decisão e para “fazer política”.

Assim, com o progresso das pesquisas e discussões no campo dos novos institucionalismos, é evidente o papel das ideias na mudança institucional, mas também no cotidiano e na sociedade. As ideias condicionam as pessoas a tomarem determinadas decisões e a lidar de certa forma com situações e indivíduos. Ideias violentas, como o racismo e a homofobia, resultam em discriminação, brigas, agressões e injustiças. Ideias construídas com base na consideração, no respeito e na dignidade obtêm resultados completamente diferentes. Como mencionado pelos autores, as ideias mudam frequentemente, e isso pode acontecer pela interferência de outros atores e outros discursos. Como as ideias são uma forma muito subjetiva e sensível, muitas vezes a arte é usada para impactá-las e provocar uma reflexão sobre que ideias as pessoas têm tido.

4 ARTE, MUDANÇA IDEACIONAL E PAZ

Para transformar conflitos violentos em soluções pacíficas, dando a devida atenção aos problemas que precisam ser resolvidos no ambiente, uma mudança ideacional é necessária.

Podem existir diversas formas de provocar essa alteração, mas neste trabalho, a arte é o enfoque como instrumento de mudança institucional em direção à paz. Isso porque a arte se mostra como um importante meio, já que possibilita aos indivíduos se conectar para além das palavras e da razão, atingindo sentimentos mais profundos, ideias e valores (Shank; Schirch, 2008), até mesmo as presentes no *background*.

A arte já permeia as ciências políticas. Trabalhos como o de Miguel Chaia (2007), com o livro “Arte e Política”, elaboram a influência da arte no contexto social e político, como um instrumento que “pode se opor à política ou prestar-se a ela” (Chaia, 2007:14). Da mesma forma, a política pode instigar ou dificultar o caminho da arte, como acontece em ditaduras no uso de censuras. No entanto, é certo que toda arte tem o potencial de provocar agitação social. Nesse contexto, Chaia (2007:16) também defende que a arte intensifica a vida, tanto negativamente – sendo usada para a manutenção da alienação – como positivamente – sendo um ambiente de resistência, liberdade, criatividade e mudança. Um espaço assim, torna as pessoas mais propícias e seguras em se abrir, compartilhar e conhecer: “a arte supõe a permanência e, simultaneamente, as rupturas vinculadas à correlação que existe entre formas sociais e artísticas e, por ser uma atividade de apropriação especificamente humana, é um exercício dos sentidos e um grande indício da liberação humana” (Chaia, 2007:18)

Ao tecer o conceito de “imaginação moral”, Lederach (2005) explicita a fundamentalidade de uma capacidade criativa para lidar com certos tipos de violência. Isso porque, diversos conflitos que parecem infindáveis e irreconciliáveis precisam da habilidade de um olhar diferente. Esse olhar é despido de preconceitos e pré-julgamentos e procura analisar as possibilidades para além do que se pode ver, criando até mesmo condições paradoxais, como praticar cordialidade para com o seu inimigo. Lederach (2005) defende que a construção da paz precisa desse olhar artístico e subversivo. E é também por meio da arte que é possível acionar esse mesmo olhar em outras pessoas.

Todavia, também deve-se ressaltar que a arte é um instrumento que pode ser usado de diferentes formas na política e no meio social (Chaia, 2007), tanto para a paz quanto para a violência (Shank; Schirch, 2008). São diversos os casos de violência simbólica em que símbolos artísticos foram utilizados para validar violência e atrocidades, como os cartazes de propaganda política do nazismo, disseminados em 1945. Ainda, essa instrumentalização da arte se torna ainda mais complexa ao contemplar o debate de Susan Sontag (2003) sobre fotografias de guerra: dependendo do receptor, o conteúdo pode ser absorvido de diferentes

formas. Uma foto chocante e triste de guerra pode trazer a necessidade e desespero pela paz ou o desejo pela vingança³. Contudo, este trabalho foca no uso positivo da arte.

Existem várias formas de arte, constantemente usadas para impactar o social e a política. A percepção dessa influência é explorada nos estudos da virada estética, que identifica o momento atual como uma “era visual”, em que as imagens podem influenciar os acontecimentos, assim como moldam a percepção que as pessoas têm deles (Bleiker, 2018). Com isso, a visualidade ocupa um novo espaço no mundo e no meio acadêmico como item essencial para analisar eventos políticos e as diferentes perspectivas que podem ser apreendidas dele. Bleiker (2018) enfatiza o aspecto imagético da virada estética, descrevendo imagens como ícones, amplamente conhecidos e distribuídos, e como algo que provoca emoções intensas, como excitação e ansiedade. No entanto, é importante lembrar que toda imagem carrega o ponto de vista de seu criador, refletindo certas escolhas políticas e estéticas. Dessa forma, incluem opiniões específicas da mesma forma que excluem muitas outras, trazendo uma mensagem denotada – a imagem visual em sua literalidade – e uma mensagem conotada – que é transmitida a partir da forma como uma imagem é lida e interpretada.

A arte é uma ferramenta amplamente usada para entrar em contato com o íntimo das pessoas e levá-las a enxergar o conflito para além da violência (Lederach, 2004). Segundo Lederach, faz parte da transformação de conflitos o uso da capacidade criativa para visualizar que a paz é o melhor para os dois lados, de maneira a transformar até relações de inimizade em cooperação, notando a humanidade que há no outro. Astrid Yohana Parra-Ospina (2017) traz exatamente esse sentido de como a arte, a imaginação e a criatividade provocam uma aproximação em relação ao outro, conectando suas intersubjetividades. É necessário que algo toque o íntimo para criar uma conexão real e o senso de empatia a partir dessa aproximação entre os indivíduos em conflito.

“Deste modo, a construção da paz, do lugar da arte e ainda mais de uma abordagem relacional, possibilita a luz da imaginação e da criatividade encenar a experiência individual e coletiva do conflito; ressignificar esse laço íntimo e público que me une com o outro; poetizar, simbolizar, transformar, através de uma experiência sensível, os sentidos e as práticas que configuram os modos violentos de nos relacionar; transcender a visão; criar novas formas de pensamento, enquanto reconheço o outro em sua complexidade, suas dores e seus sofrimentos” (Parra-Ospina, 2017:109, tradução própria)

³ Susan Sontag (2003) fala: “Para um judeu israelense, uma foto de uma criança esfaqueada no atentado contra a pizzaria Sbarro no centro de Jerusalém é, antes de tudo, uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino. Para um palestino, uma foto de uma criança esfaqueada pelo tiro de um tanque em Gaza é, antes de tudo, uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino”. Ou seja, uma imagem triste que, teoricamente, fomentaria o desespero pelo fim da guerra, também pode instigar o desejo por sua continuação, em um instinto de vingança.

O processo de construção da paz é complexo e é necessário entender as raízes do conflito para que não só a violência física seja abandonada, mas também para que as necessidades e desejos dos indivíduos sejam verdadeiramente atendidos. Para que isso aconteça, a construção da paz precisa de instrumentos diversos que sejam capazes de impactar e explicar o espírito humano. Para isso, a arte se mostra como uma importante aliada. Segundo Michael Shank e Lisa Schirch (2008), a arte incorporada a esse procedimento “cria um espaço onde pessoas em conflitos podem se expressar, se curar e se reconciliar com elas mesmas” (Shank; Schirch, 2008:218). Os autores também defendem que o uso da arte deve ser estrategicamente aliado com outras formas de *peacebuilding*, focando em uma perspectiva de longo prazo.

A atitude e o trabalho da artista Wendy Black-Nasta e da fundação *Artists for World Peace*, abordada na introdução deste artigo, é um exemplo claro da agência e do impacto da arte na formação dos laços e na construção da paz. A partir da criação de um artefato artístico, o Cinto Internacional da Paz, a artista conseguiu construir um significado e um sentido pacífico, que atravessou continentes e países. O TIPB proporcionou a criação de uma organização não governamental e não lucrativa, que tem como objetivo ajudar pessoas vulneráveis ao redor do mundo e incentivar princípios de paz. Além de outras ações sociais, como o “*Hats for a Cause*” – que buscava arrecadações para construir casas para mulheres e crianças no Camboja por meio da produção de chapéus artísticos – e o “*500 shoes*” – que visava fornecer sapatos para crianças no Brasil, combinado com um evento de arte infantil com música –, o *Artists for World Peace*, atualmente, está acumulando fundos para a construção da “Casa da Paz”, um lar na Tanzânia, feito para as crianças do projeto (Black-Nasta, 2025).

Esses fatores possibilitam entender o papel da arte na transformação da sociedade. O uso da expressão artística fomentou a criação de ideias pacíficas em diversos contextos, às vezes transformando um pensamento violento para uma forma mais pacífica, às vezes trazendo à tona ideias que apontam algo óbvio, mas que não tinha recebido a devida atenção. A arte estimula uma forma de pensar criativa e subversiva, e isso auxilia os indivíduos a entrar em contato com as próprias dores, conflitos e capacidades de superar situações violentas com respeito, empatia e de maneira pacífica. Essa mudança ideacional provoca uma verdadeira mudança social – abordada como fundamental por Lederach (2005) como objetivo da transformação de conflitos –, com finalidade na paz. Para isso, diversas são as formas de arte que podem ser utilizadas.

Neste trabalho, a forma artística alvo é o teatro, tratando como base a teoria e prática de Augusto Boal, diretor e fundador do “Teatro do Oprimido”. Boal defendia o teatro como uma “linguagem humana universal”, que todos os indivíduos poderiam usar para se expressar. Com isso, as dinâmicas teatrais do diretor subvertem os papéis convencionais do teatro, fazendo com que todos sejam, ao mesmo tempo, atores e espectadores, convidando o público a intervir nas peças. O palco acaba por se tornar uma espécie de “laboratório”, o que Boal definia como “ensaio para a revolução (e para a vida)”. Dentre as técnicas desenvolvidas por Boal, as principais são o teatro-jornal – atentando para a forma como a mídia manipula as pessoas –, o teatro invisível – que acontece num espaço público sem que os outros saibam que é uma peça –, o teatro-fórum – em que o público é convidado a intervir numa certa situação teatralizada –, o teatro-imagem – onde o corpo é usado para representar uma opressão ou um sentimento – e o arco-íris do desejo, que lida com opressões internalizadas por meio de jogos e cenas (Boal, 1991).

O Teatro do Oprimido é utilizado amplamente no mundo de hoje, como um instrumento na área de educação, saúde mental e justiça social. As dinâmicas são ferramentas pedagógicas que podem trabalhar uma infinidade de assuntos, como bullying e inclusão. Em outras instâncias, pode auxiliar indivíduos a explorar conflitos internos e externos, bem como outras movimentações sociais. Na LEPAC, o teatro é praticado com crianças, convidando-as a refletir sobre a sua relação com os outros alunos, a sua vida em coletividade, as dores do outro e também, as próprias dores.

Essa ação encontra sua importância fundamental para uma mudança institucional. Entendendo as ideias como ponto fundamental de mudança, impactá-las, nesse caso, significa trabalhar em prol de uma transformação para subverter os padrões violentos com os quais as pessoas estão acostumadas. Essa mudança influencia não somente as pessoas, de forma individual, mas as instituições formais como um todo, como a própria escola. A mudança ideacional provoca mudanças em outros pilares da mudança institucional, o que pode resultar em uma nova organização para a instituição responsável, novas normas, técnicas, regras, experiências e padrões.

Ainda, existe a repercussão no aspecto cultural das instituições. As instituições não são apenas criadas e moldadas pelos atores, mas também têm a capacidade de desenvolver e perpetuar narrativas e lógicas que constroem as pessoas, muitas vezes de forma que consolide a violência estrutural. Considerando o triângulo da violência e que esta também permeia a estrutura, as instituições podem legitimar violências a tal ponto que se tornem culturais, reforçando estereótipos que desumanizam grupos de pessoas e que são de difícil

mudança. Esse aspecto cultural da violência, sustentado institucionalmente de forma latente, é usado como “cortina de fumaça”, segundo Galtung (1996), justificando e naturalizando condutas negativas. Assim, construir ideias pautadas numa cultura de paz provoca mudanças institucionais em seu núcleo, possibilitando que as instituições possam criar e fomentar normas, valores, culturas e práticas pacíficas.

5 O TRABALHO DA LIGA ACADÊMICA DE ESTUDOS PARA PAZ E ANÁLISE DE CONFLITOS (LEPAC)

A Liga Acadêmica de Estudos para Paz e Análise de Conflitos foi criada em 2024, na Universidade Federal da Paraíba, como uma evolução do GEPERI, o Grupo de Estudos em Ética e Relações Internacionais. É uma entidade extensionista, que também contempla atividades de ensino e pesquisa, buscando fomentar o campo dos EPP no Brasil e na América Latina. A LEPAC funciona através de arrecadações e é composta por acadêmicos de relações internacionais da UFPB, mas está aberta à estudiosos de outras áreas, seguindo o princípio da transdisciplinaridade dos EPP. É um projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (Proex) por meio da Coordenação de Programas de Ação Comunitária (Copac) e é orientado pelo professor Marcos Alan Ferreira e pela professora Mariana Baccarini (LEPAC, 2025).

A LEPAC (2025) tem como objetivos, além do enfoque interno para os seus participantes com encontros e eventos periódicos, organizar e participar ativamente de atividades de extensão – com interesse especial na ação social – e estimular a produção acadêmica e a publicação de artigos científicos, bem como a participação dos pesquisadores em congressos e conferência, o que já tem sido promissora com a participação de seus membros no VI Encontro Brasileiro de Estudos para Paz, no ano de 2024 em São Paulo. Além disso, busca parcerias com instituições acadêmicas, organizações não governamentais e outras instituições relacionadas com esse tipo de propósito, e procura estabelecer um diálogo entre docentes e discentes de diversas áreas. Além dos professores orientadores, a LEPAC é liderada pelos seus gerentes, responsáveis por esferas específicas do funcionamento prático da Liga.

Em 2024, a LEPAC iniciou suas atividades de maneira cuidadosa, começando pela capacitação de seus membros com oficinas de nivelamento acadêmico sobre paz, violência e conflito, e oficinas de teatro, em preparação para futuras ações sociais. Após entrar em contato com diversas entidades governamentais e não governamentais, a Liga finalmente conseguiu estabelecer uma parceria com uma escola municipal na capital da Paraíba, João

Pessoa. A Escola Municipal Leonel Brizola atende séries do Ensino Fundamental II, ou seja, sextos, sétimos, oitavos e nonos anos. A escola tem um diferencial: quase um terço do corpo estudantil possui laudos de surdez, autismo ou síndrome de down. Por isso, se tornou referência para alunos surdos ao valorizar sua inclusão social, com aulas direcionadas para o aprendizado de língua de sinais, para os alunos surdos e não surdos. Visando um ambiente de igualdade, fraternidade e protagonismo para essas crianças, a Leonel Brizola apresenta atividades destinadas a despertar senso de poder sobre a própria vida, sobre as próprias escolhas e de liderança. Para isso, a escola inclui em seu modelo integral as disciplinas denominadas de “Projeto de Vida” e “Protagonismo”, onde os alunos podem aprender e entender como aplicar esses entendimentos nas próprias vidas.

Após conversas iniciais com os gestores da escola, a LEPAC entrou em acordo com os mesmos sobre as atividades que pretende fazer, com foco no teatro – para as crianças mais novas dos sextos e sétimos anos – e em rodas de diálogo – para os jovens dos oitavos e nonos anos. Os dias e horários das atividades são rotativos e estabelecidos em conversas com a escola, para que o projeto não impacte negativamente a rotina de estudos dos estudantes. Em quatro meses de parceria, os voluntários da LEPAC entraram em contato e se aproximaram das crianças e tentaram transformar o ambiente das ações num lugar confortável para se expressar e formar conexões.

5.1 Ações sociais nas Escola Municipal Leonel Brizola

Na primeira vez em que os voluntários interagiram de fato com as crianças na escola, não foi para uma atividade de teatro. Era necessário, antes de escolher as dinâmicas que iriam ser feitas com as crianças, entender com o que a LEPAC precisaria lidar. Assim, nessa ação, o projeto se apresentou em cada sala de aula e iniciou uma conversa com os alunos do que seria paz e conflito para eles, que foram posteriormente digitalizados e examinados em reuniões da Liga, buscando padrões de visões sobre esses conceitos. As respostas foram diversas: alguns falaram que a paz era ficar trancado no quarto com o celular, que era ir à praia e outros falaram que era sair da casa dos pais ou deixar de falar com o irmão. Um dos depoimentos mais inusitados foi o de um menino do sétimo ano, que afirmou que paz era um revólver para ele se defender. Desde o começo, foi perceptível que a violência, velada e escancarada, estava presente no cotidiano de grande parte das crianças da escola.

Nesses mesmos dias, foi pedido que eles desenhassem ou escrevessem num papel que foi entregue pelos voluntários o que era paz e o que era conflito, para que os membros da

LEPAC pudessem entender melhor a realidade daquelas crianças e o que precisaria ser feito e receber uma atenção especial. Os papéis entregues apresentaram conteúdos diversos, alguns desenhos caprichados e calorosos, até coisas aleatórias, como o símbolo da marca esportiva Nike e desenhos de personagens de quadrinhos, de alguns alunos que não se interessaram em participar verdadeiramente da dinâmica. Outros assuntos chocantes e tristes foram abordados pelos estudantes, como casos de racismo, assédio e gordofobia. Enquanto desenhavam, os voluntários tentavam construir conversas com os mesmos. Muitas meninas revelaram serem “casadas” e uma, em específico, falou que sofreu assédio de um professor da escola, uma questão que já foi resolvida pelos gestores e resultou na expulsão do docente.

A interação direta com eles também rendeu boas observações. É notável que, como uma escola referência para alunos surdos, a instituição apresenta diversos esforços nesse sentido. Os alunos surdos estavam quase plenamente integrados à dinâmica da turma e de seus colegas, com muitos de seus colegas não surdos falando em línguas de sinais com os mesmos. Alguns membros do LEPAC chegaram a receber apelidos no formato da língua brasileira de sinais, que geralmente eram relacionados com características físicas, como corte de cabelo.

A maioria das crianças da escola se mostraram abertas e até mesmo animadas em conversar com os voluntários e participar da atividade, mas foi necessário também regular essa aproximação: muitas crianças, em sua maioria as meninas, pediram por números de celular dos participantes da LEPAC para continuar as conversas de forma online. Outras interações do tipo foram mais desconfortáveis, com alguns meninos flertando com voluntárias e também querendo outras formas de contato fora da escola. Algumas meninas também insistiram pelo número de telefone de voluntários, com as mesmas intenções.

Entendendo melhor a dinâmica do colégio, os voluntários retornaram às atividades no mês de julho. Foi decidido que as práticas teatrais seriam feitas com as crianças dos sextos e sétimos anos e, para os jovens dos oitavos e nonos, seriam apresentadas as peças e feitas rodas de diálogo. Por enquanto, a Liga está focando nas turmas mais novas enquanto prepara o conteúdo das rodas de diálogo e aguarda os ensaios do grupo de teatro parceiro da UFPB, o Interna-Só-Na-Mente, coordenado pela professora Mariana Baccarini. Ocorrendo no início de julho, no primeiro dia foi necessário juntar as duas turmas dos sextos anos. Como são crianças mais novas, elas tendem a ser mais animadas e extrovertidas, o que foi bom para o engajamento nas atividades, mas apresentou certas dificuldades em questões de controle e organização.

A experiência com o sétimo ano foi diferente, as turmas estavam separadas e havia um maior número de alunos que não quiseram participar, pelo menos a princípio. Foi notado que,

geralmente, a recusa em fazer parte das dinâmicas vem de um medo de julgamento por parte de outros colegas, e quando um não adere à atividade, outros acabam seguindo a escolha do colega. Porém, houve casos de crianças que, aos poucos, desenvolveram interesse pelo o que estava acontecendo e optaram por participar. De maneira geral, as turmas apresentam uma maioria masculina, mas é perceptível que as meninas da turma tentam regrar os meninos, mas também são importunadas por eles, com algumas brincadeiras e falas tidas como irritantes. Nesse quesito, foi importante a presença de uma figura masculina entre os voluntários que pudesse servir de exemplo e parâmetro para os garotos, já que os mesmos já demonstravam, desde a primeira atividade, que não mantinham a mesma admiração e respeito pelas voluntárias.

Também foi notada que as meninas pautam sua amizade na cumplicidade, apoiando umas às outras, enquanto os meninos demonstram esse mesmo tipo de relação com implicâncias e brincadeiras um pouco perigosas, com mais contato físico. Todavia, de forma geral, as crianças apresentaram um interesse genuíno por atividades dinâmicas e práticas e avanços mais significativos foram vistos em algumas turmas, como no 7º ano B, que, por meio dos exercícios, falaram de alguns temas como homofobia e gordofobia – itens já mencionados em escrito no primeiros dias de ação.

A terceira rodada de ações ocorreu no final de julho, nos dias 28 e 31. Nos sétimos anos, os voluntários iniciaram – guiados pela professora Mariana Baccarini – com uma atividade mais física, para os alunos se abstrair um pouco e começarem a se acostumar com o ambiente. Consistia em correr numa velocidade comandada pela professora e dar um pulo ao ouvir um som de palma, fazer um agachamento com duas palmas e, ao escutar três palmas, dar uma pirueta. Em seguida, os alunos e voluntários se organizaram em duplas e cada uma escolheu o som de um animal. O objetivo era guiar a sua dupla – que devia estar de olhos fechados – fazendo o som de animal escolhido, o que se mostrava difícil ao juntar todos os sons que os alunos tinham que fazer. As crianças descreveram a brincadeira como difícil e caótica e acusaram alguns colegas de esbarrar propositalmente em outros.

A terceira dinâmica se assemelhava à brincadeira do “telefone sem fio”, mas em vez de palavras e frases os alunos precisavam fazer movimentos. Foram feitas quatro rodadas dessa atividade, e a maioria dos movimentos escolhidos foram danças características de redes sociais como o *TikTok*, com exceção de um gesto de linguagem de sinais, feito por uma das intérpretes da escola, que significava “saber se comunicar”. As crianças riram muito umas com as outras ao ver as danças que seus colegas faziam e que eles teriam que replicar, mas nenhum gesto chegou ao final do telefone sem fio da mesma forma que foi iniciado.

Por fim, a quarta atividade é uma dinâmica de gestos. Todos os participantes ficam em roda, fecham os olhos e a professora fala alguma palavra e, a partir disso, eles devem fazer um gesto que simbolize a palavra. Os primeiros termos são usados para introduzir as crianças na dinâmica, como “guarda-chuva” e “esportes”, mas desde esse primeiro momento, é notável as diferentes percepções que elas têm. Na palavra “perigo”, muitos fizeram gestos de armas ou como se estivessem se defendendo de algo, com medo. Mas o que mais chamou atenção, foi um menino que representou a polícia. Ao conversarem com ele, os voluntários o escutaram dizer que, onde ele mora, a polícia é muito presente e muito grosseira, que ele sente medo dela e sempre precisa se esconder ao ouvir a sirene ou ver alguma aproximação.

Quando a professora falou “violência”, os símbolos vistos referenciavam mais a violência física, como socos, armas, enforcamento e tapas. No entanto, uma menina gesticulou uma pessoa falando muito acaloradamente, e explicou depois que ela queria transmitir a violência em sua instância verbal. Na palavra “fragilidade”, muitos não entenderam o que significava e os voluntários precisaram explicar um pouco. Com isso, surgiram gestos de corações partidos, choros e, novamente, a menina que representou violência verbal simbolizou um grito. Ao conversarem com ela, alguns voluntários descobriram que ela vive num cotidiano familiar em que esse tipo de atitude é frequente, e revelou que não gosta de estar na própria casa por esse mesmo motivo.

No termo “amor”, a maioria usou corações, abraços, beijos e gestos simbolizando família. Querendo aprofundar mais o tema, a professora começou a fazer algumas perguntas, questionando se eles se sentiam amados pela própria família – alguns levantaram a mão, mas uma quantidade significativa, inclusive a menina do desabafo anterior, não levantaram. Na palavra “bondade”, os símbolos apresentados foram abraços, uma mão oferecendo algo e um “jóia” com a mão. Em “tolerância”, muitos também não entendiam seu significado. Após a explicação, os gestos representaram escuta, conversa, abraços e aceitação da diferença. No entanto, um menino ainda falou que não escuta seus colegas com respeito, enquanto outro afirmou que opta pela boa convivência, mesmo que não goste da outra pessoa em questão.

Por fim, a palavra “paz” gerou muitas reflexões. Muitos representaram o termo se deitando no chão e fechando os olhos ou apertando as mãos. Mas outros também simbolizaram paz como “ir embora de casa” ou “se afastar de tudo”. Ao receberem a confirmação que estavam em um ambiente seguro e que podiam falar sobre se pudessem, algumas crianças revelaram suas situações em casa, como brigas familiares, punições físicas para desobediência e o estresse de morar em certos lugares, onde barulhos de tiros são frequentes. Das dinâmicas feitas nos sétimos anos, essa foi a que mais possibilitou que os

voluntários conversassem e se conectassem com eles, demonstrando preocupação e compaixão pelo o que estava sendo compartilhado.

Nos sextos anos, as turmas tiveram que ser unidas novamente para as atividades. As dinâmicas escolhidas foram um pouco mais leves e reduzidas por causa do tempo disponível. A ação foi iniciada com um alongamento, com o mesmo propósito de aproximá-los e deixá-los confortáveis com o ambiente. Em seguida, foi feita uma dinâmica em duplas, conhecida como “conduzido e condutor”: um deve guiar o outro por meio de toques nos ombros e na cabeça. Nesse momento, foi perceptível que muitos alunos já tinham se afeiçoado a alguns membros da LEPAC, além de se mostrarem muito abertos e animados em participar da prática.

A terceira atividade foi uma apresentação em trios, em que as crianças e voluntários se reuniam em grupos de três, conversavam sobre suas próprias vidas e então apresentavam a turma no lugar do outro. Como era esperado, os alunos procuraram seus amigos mais próximos para constituírem os grupos, mas a professora os separou, incentivando que eles conhecessem melhor outros colegas. As conversas que tiveram seguiram o roteiro da professora com base nas perguntas “quem eu sou?”, “para onde quero ir?” e “o que me impede?”. Ao se apresentarem para o resto da turma, muitos alunos demonstraram sonhos de serem jogadores de futebol, advogados, médicos e até mesmo vaqueiros. Outros expressaram, em nome do outro colega do grupo, o desejo de morar fora, como nos Estados Unidos. A maioria das coisas que apresentaram como impeditivos para esses sonhos eram relacionadas com a escola, como se formar e passar de ano, mas uma quantidade considerável também expressou que nada os impede, transmitindo que eles acreditam na sua capacidade de perseguir esses sonhos. A última dinâmica, conhecida como “Rá-Ri-Ró”, foi um momento de descontração – quase como uma brincadeira.

Até agora, esse foi o trabalho desenvolvido pela Liga. Alguns avanços são notados com o passar das atividades, como um crescente engajamento com as dinâmicas e certa animação das crianças ao verem os voluntários chegarem na escola. Entre atividades, os voluntários têm a oportunidade de conversar melhor com alguns alunos, e a partir daí algumas conexões foram criadas, o que ajudou os estudantes a se sentirem cada vez mais confortáveis com o ambiente criado pela LEPAC.

5.2 Experiências dos voluntários

A LEPAC, devido à questões burocráticas, só conseguiu realizar atividades práticas na escola depois de alguns meses de procura e preparação. Durante esse momento, é natural que os voluntários criem expectativas acerca do que encontrariam na Escola Municipal Leonel Brizola. Quando perguntado sobre, o entrevistado Robervalton apontou que buscava entender um pouco mais sobre como uma população específica, localizada em uma área fora do centro da capital, pensa questões de paz, violência e conflito, temas pesquisados já pesquisados por Robervalton no pré-pandemia, algo que ele também queria entender o impacto nessas mesmas questões. Ainda, Robervalton trouxe que queria entender como os jovens mobilizam esse conceito, partindo da premissa de que eles têm clareza do que é violência e do que é paz.

Por outro lado, as entrevistadas Euzenilde e Josianira esperavam que a adesão dos adolescentes às dinâmicas ia ser baixa e que as pautas que a LEPAC queria discutir talvez entrassem em defasagem. Com uma expectativa igualmente e relativamente negativa, o entrevistado Clodovinho expressou receio e medo sobre como as interações aconteceriam durante as atividades, já que carrega consigo uma história de *bullying* na infância, justamente na faixa etária que a escola apresenta. Já os entrevistados Teresolina, Creuzinete e Clodovinho falaram que não sabiam muito bem o que esperar – relatando animação mas ao mesmo tempo apreensão –, por estarem lidando com crianças de forma diferente e por falta de experiência em outros tipos de ação social.

No entanto, ao compararem as expectativas com o que experienciaram no primeiro contato com as crianças, a maioria dos voluntários expressaram uma surpresa positiva. Euzenilde relatou que achou muito produtivo e por ser uma pessoa extrovertida, foi possível se conectar com várias crianças, mas notou as realidade adversas – relacionadas ao ambiente em que moram, à família, ao dia a dia – que os condicionam. Clodovinho também apontou que conseguiu ter interações significativas com alguns alunos, em especial um menino em específico que o voluntário se identificou, em referência ao *bullying*. Josianira foi surpreendida pela rapidez com a qual as crianças conversaram sobre temas pessoais e profundos, mas ressalta que a barreira entre os voluntários e os alunos com laudos, criada por uma falta de experiência para lidar com o assunto, ainda precisa ser discutida e analisada. Em contrapartida, Teresolina sentiu o primeiro contato de forma muito caótica, semelhante às considerações de Robervalton e Creuzinete, enxergou algumas dinâmicas de violência, principalmente nos últimos anos do fundamental. Robervalton ainda ressaltou – concordando com teorias da pedagogia – que essa é uma fase muito sensível, tanto pela realidade dos adolescentes, quanto por questões biológicas, de ser um momento em que o corpo passa por algumas alterações hormonais.

Para além do primeiro contato, alguns momentos e pessoas marcam um pouco mais voluntários específicos, dependendo de que alunos eles conseguem compartilhar uma conexão mais significativa. Josianira transpareceu ficar um pouco perplexa com essas situações adversas de violência e, principalmente, com a afirmação de algumas meninas sobre serem casadas e ter maridos. Robervalton relatou dois casos específicos, um deles é de um rapaz que, inicialmente um pouco tímido, compartilhou sua visão de mundo: com 14 anos, participa de uma torcida organizada, com a qual viaja e afirma que seu passatempo preferido é roubar camisetas de torcedores dos times adversários. O mesmo aluno, numa das dinâmicas, falou que para ele a violência era a “polícia” – o que também marcou a entrevistada Euzenilde –, e esses fatores transmitiram à Robervalton a sensação de que a violência era algo normalizado para ele e que a linguagem de paz não fazia parte do seu cotidiano. Já Clodovinho foi abalado por casos de violência verbal de homofobia e gordofobia, principalmente ao relacionar com as suas próprias vivências em idades parecidas com as que estava lidando.

A entrevistada Teresolina apontou uma menina específica, que conversa frequentemente nos dias de ação, que deixou transparecer algumas inseguranças físicas e familiares e alguns desabafos sobre a sua vida diária, sendo uma das pessoas que definiu a paz como “estar fora de casa”. Para Creuzinete, o que a deixou refletindo foram algumas ocasiões de meninos ultrapassando limites de convivência, pedindo por números de celular e contatos de instagram, o que, para ele, deixou claro que as violências estruturais às quais os meninos são expostos – como o machismo – os fazem demonstrar menos respeito e obediência às figuras femininas do que às masculinas. Apesar de muitas dessas experiências marcantes terem sido negativas, os voluntários relataram que, no geral, as ações têm excedido as expectativas pela recepção positiva que os alunos têm tido quanto ao projeto e a maturidade que eles têm sobre os assuntos. No entanto, como o projeto ainda teve poucas ações, alguns voluntários como Euzenilde e Josianira ainda possuem muitas outras expectativas, e Teresolina falou sobre a frustração de não conseguir se comunicar da mesma forma com os alunos surdos, ressaltando a importância do aprendizado da linguagem de sinais. Outra ressalva foi feita por Robervalton, que admitiu a dificuldade em se organizar junto à escola para a programação das atividades, embora entenda que, majoritariamente, isso acontece por outros dilemas urgentes que os gestores da Leonel Brizola precisam atender.

Até então, o trabalho feito pela LEPAC têm focado nas dinâmicas de teatro com os estudantes dos sextos e sétimos anos. Todos os entrevistados afirmaram e relataram a importância do uso da arte para conseguirem construir um ambiente confortável para as crianças e criar conexões relevantes. Robervalton refletiu sobre como a arte consegue

mobilizar uma percepção que a razão muitas vezes não consegue alcançar, confirmando que se certos assuntos fossem abordados simplesmente por rodas de diálogo ou palestras, os jovens não conseguiriam ou não sentiriam vontade em compartilhar sentimentos e experiências. Semelhantemente, Euzenilde, Josianira, Creuzinete e Teresolina ressaltaram a importância de práticas lúdicas – já que, frequentemente, as dinâmicas de teatro são vistas como brincadeiras pelas crianças – como forma de acessibilizar uma aproximação com os conceitos e pautas que o LEPAC pretende trabalhar. Para exemplificar isso, falaram da dinâmica de gestos e palavras, o que consideram ter sido a mais efetiva de todas. Todavia, Clodovinho e Josianira apontaram que ainda há muito trabalho a ser feito e que esperam um maior aprofundamento na questão da arte nas próximas ocasiões.

Apesar de constituir um trabalho de longo prazo e que as mudanças são percebidas vagarosamente com o acontecimento das ações, os voluntários já conseguem notar alguma diferença na sua interação com as crianças. Todos os entrevistados relataram sobre como os alunos têm demonstrado mais respeito nas últimas vezes em que fizeram atividades na escola. Ainda, eles parecem cada vez mais abertos ao diálogo e mostram que se sentem confortáveis para falar sobre temas sensíveis e pessoais com os membros da LEPAC. Robervalton fez uma observação sobre os meninos, que mesmo parecendo mais fechados e influenciados por pensamentos de “masculinidade tóxica” – que os levam a não compartilhar emoções mais profundas –, se afeiçoaram a outros voluntários. Os membros entrevistados afirmaram que conseguem sentir uma leve diferença, mas que o projeto ainda é muito recente para falar com exatidão e de forma concreta. Mesmo assim, reiteraram suas boas expectativas para o impacto da LEPAC na Escola Municipal Leonel Brizola.

Por mais que o trabalho seja construído e direcionado para as crianças, as ações também impactam pessoalmente os voluntários, principalmente por lidarem com assuntos sensíveis e abstratos. Ao refletirem sobre como as práticas podem ter influenciado e mudado algumas percepções do que era paz e conflito, os entrevistados também responderam de formas muito semelhantes. A maioria deles já são integrados na área dos EPP – com exceção de W, que trabalha apenas com o teatro – e já conhecem teoricamente os conceitos de paz, violência e conflito. Porém, ao entrarem em contato com os alunos, os voluntários expressaram o quanto puderam testemunhar na prática o que pesquisam e estudam. Presenciaram e escutaram experiências de crianças que lidam diariamente com diversos tipos de violência e notaram como essas coisas são normalizadas no meio em que os indivíduos vivem. Mesmo em dinâmicas com temas mais pesados – como para gesticular violência e perigo – as crianças parecem ver como brincadeira e estarem se divertindo, o que transmite

essa impressão da normalização desses fatores no cotidiano. Robervalton ressaltou o quanto é notável, nas atividades, que a violência realmente está nas sutilezas e muitas vezes passa despercebida.

Essas foram as contribuições coletadas através das entrevistas semi-estruturadas com membros da LEPAC. Essas experiências são fundamentais para o prosseguimento e evolução do projeto. Com isso, os coordenadores e diretores da Liga têm organizado formas de coletar essas vivências com mais frequência, criando uma base de dados com todas as documentações. Espera-se que, durante seus anos de ação e trabalho, a LEPAC consiga reunir muitos outros depoimentos e relatos, que são de extrema relevância para entender como é possível construir a paz por meio da arte, gerando uma mudança ideacional – e talvez até institucional – no meio onde os indivíduos estão inseridos.

5.3 Reflexões sobre os dados coletados

As ações de maneira geral e algumas ocorrências específicas demonstram na prática o que a base teórica deste trabalho construiu. Num primeiro momento, em que as crianças foram questionadas sobre o que é paz e conflito, um diagnóstico foi formado sobre as ideias presentes naquele ambiente. Além disso, existem sensações que um texto escrito não pode abordar plenamente, como a agitação que tomou conta das salas durante essas atividades. Com isso, a LEPAC entendeu como precisaria lidar com esse ambiente: paciência, calma e compreensão. Tudo para que fosse possível uma conexão real e efetiva com os indivíduos da escola. Ao atentar para a necessidade de fazerem as crianças entenderem o contexto que elas vivem, seu papel de protagonismo nas suas próprias vidas e o poder para a paz que elas podem ter, é mostrado como a mudança ideacional é o início do processo.

Esse desenvolvimento não poderia ter ocorrido sem a arte. Segundo as experiências pessoais da autora e dos voluntários entrevistados, o teatro foi crucial para a criação desse ambiente seguro e confortável, aberto para o diálogo, a compreensão e o desabafo. Muitas crianças se abriram sobre questões sensíveis, que exemplificam bem a teoria. A dinâmicas de teatro-imagem permitiram que a menina que gesticulou a violência verbal – e que foi citada, mais tarde, pela entrevistada Teresolina – que ela desabafasse sobre sua situação em casa e seus relacionamentos familiares, construindo confiança com membros do grupo. Isso demonstra como a arte tem potencial para dar voz a conflitos mais internalizados, o que é um dos princípios para aprender a lidar com esses tipos de problemas.

Por outro lado, a declaração do menino sobre a polícia como forma de perigo para ele indicam a violência estrutural segundo o conceito de Galtung, em que o órgão público pelo qual ele deveria se sentir protegido, na verdade o causa medo e insegurança. A ideia de polícia como inimigo está internalizada no *background* – a partir da definição de Schmidt abordada na base teórica – devido à violência preconceituosa enraizada na estrutura das instituições formais e informais. Ele não é o único a ser prejudicado pela estrutura, outras crianças, nas dinâmicas dos desenhos, relataram que já receberam ofensas racistas – como comentários sobre cor da pele e o cabelo – e gordofóbicas. O voluntário Clodovinho afirmou que foi possível sentir algumas dinâmicas homofóbicas entre os colegas.

Essas pessoas são crianças que desenvolveram suas identidades, valores e cultura enquanto cresciam em ambientes dominados pela violência estrutural. Novamente, a estrutura das instituições, formais e informais, são condicionadas por uma violência latente e influenciam as pessoas tanto quanto são influenciadas por elas. Da mesma forma, essas instituições perpetuam padrões violentos já normalizados dentro da sociedade, que fazem parte da sua cultura. O impacto nas ideias também significa criar uma força capaz de influenciar os pilares normativos e regulatórios das instituições de tal forma que gere uma mudança institucional efetiva e que diminua a violência presente na estrutura das instituições. Dessa forma, elas podem fomentar novas formas de enxergar os conflitos da sociedade, incentivando maneiras pacíficas de ver o mundo e lidar com o cotidiano.

Como são pré-adolescentes e, segundo o que foi dito pelo próprio entrevistado Robervalton sobre teorias pedagógicas, essas práticas violentas comuns entre as crianças denunciam não um problema com elas, mas sim na estrutura, no que elas são ensinadas e no que elas aprendem no dia a dia. Essa fase é de observação e aprendizado, e se elas observam violência elas aprendem violência. Por isso, é tão importante e fundamental que eles aprendam sobre o que é verdadeiramente paz e violência, que entendam como conviver com respeito e humanidade. E para que isso aconteça com a faixa etária em que a LEPAC trabalha na escola, a arte é o meio crucial de comunicação, o canal principal por onde a transformação ocorre.

6 CONCLUSÃO

As reflexões deste trabalho se iniciam nos conceitos centrais dos EPP e seguem para o esclarecimento do papel das ideias na tomada de decisão e, consequentemente, na mudança institucional. A partir desse estudo, é possível construir uma relação entre os dois campos

teóricos, principalmente ao entender que a transformação de conflitos, segundo Lederach (2005), tem por objetivo uma mudança social, item que também é resultado da mudança ideacional. Com isso, é possível afirmar que, para alterar uma circunstância violenta em uma forma pacífica de lidar com um conflito, é necessário que os indivíduos adequem as próprias ideias – interesses, valores e costumes – a uma lógica de paz, entendendo a humanidade, as dores e a vivência do outro e sendo capazes de estabelecer dinâmicas de equilíbrio e cooperação, mesmo que em meios de inimizade e desavenças.

Para que haja esse impacto nas ideias, a arte pode ser um instrumento crucial. No campo de EPP, acredita-se na necessidade de uma capacidade criativa para entender e lidar com os conflitos. A arte faz parte disso como um meio para se aproximar do lado mais abstrato do indivíduo, como uma forma de acessibilizar diálogos e pautas relevantes, mas difíceis de serem iniciados. Com a arte, as ideias podem ser provocadas, questionadas e desafiadas, sendo as pessoas convidadas a refletir sobre o que é melhor para ela e, também, para o outro. Por meio da arte, é possível engendrar uma mudança ideacional em direção à paz.

Como tentativa – e prova – dessa análise, foi exposto o caso da LEPAC, que reúne professores, acadêmicos e alunos universitários de diversas áreas, sendo um de seus objetivos a organização de ações sociais. Com seu trabalho na Escola Municipal Leonel Brizola, a LEPAC utiliza uma forma de arte – o teatro – para criar um espaço de acolhimento e reflexão para crianças de sextos e sétimos anos. Por meio de dinâmicas teatrais, os voluntários conseguem se conectar com essas crianças e abordar temas difíceis, mas que fazem parte do cotidiano desses alunos e são normalizados nas suas vidas. O projeto ainda é muito recente, mas já demonstra avanços sutis e permite que seus membros e outras pessoas relacionadas às ações tenham boas expectativas para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 7. ed. [S. L.]: Editora Vozes, 2008.

BLACK-NASTA, Wendy. How can artists help change the world? The simple question that changed my life. **Peace & Change: A Journal of Peace Research**, [s. l.], p. 340-345, 2024. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/pech.12701>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BLEIKER, Roland. **Visual Global Politics**. [S. l.]: Routledge, 2018.

BLYTH, Mark. Ideas, Uncertainty, and Evolution. In: IDEAS and Politics in Social Science Research. [S. l.]: Oxford University Press, 2011. p. 83-101.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. [S. l.]: Civilização Brasileira, 1991.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevista: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, [s. l.], v. 2, ed. 1, p. 68-80, janeiro-julho 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CAMPBELL, John L. **Institutional Change and Globalization**. [S. l.]: Princeton University Press, 2004.

CHAIA, Miguel. **Arte e política: situações**. In: _____. Arte e política. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 13-39.

FERREIRA M. A. S. V. As Origens dos Estudos para a Paz e seus Conceitos Elementares: Paz, Violência, Conflito e Guerra. In: FERREIRA, M. A. S. V. et al. **Estudos para a Paz: Conceitos e Debates**. [S. l.]: Editora UFS, 2019. cap. 2.

GALTUNG, J. Violence, peace and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, 1969.

GALTUNG, Johan. Civilization Theory: Cultural Violence. In: Galtung, Johan. **Peace by Peaceful Means**. [S. l.: s. n.], 1996. cap. Part IV, p. 196-210.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [s. l.], v. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revista.ufr.br/rep/article/view/e202114>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LEDERACH, John Paul. The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace. New York: Oxford University Press, 2005.

LEDERACH, J. P. **Little book of conflict transformation**: clear articulation of guiding principles by a pioneer in the field. New York: Good Books, 2014.

LEPAC. Estatuto, 2025. **ESTATUTO LEPAC – LIGA DE ESTUDOS PARA A PAZ E ANÁLISE DE CONFLITOS**, João Pessoa, v. 2, jul. 2025. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1gJHsTz3jPohBd5Vc7fREUzpRYyg6OyOl/edit>. Acesso em: 26 ago. 2025

MARCH, James G.; OLSEN, Johan P. Neo-institucionalismos: fatores organizacionais na vida política. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 16, ed. 31, p. 121-142, nov. 2008 1977.

OLIVEIRA, G. C. Estudos da Paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais. **Carta Internacional**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 148–172, 2017. DOI: 10.21530/ci.v12n1.2017.611. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/611>. Acesso em: 07 ago. 2024.

OPDENAKKER, R. J. G. Advantages and disadvantages of four interview techniques in qualitative research. **Forum: Qualitative Social Research**, [s. l.], v. 7, n. 4, set. 2006.

Disponível em: <https://pure.tue.nl/ws/portalfiles/portal/1948695/Metis202565.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PARRA-OSPINA, Astrid Yohana. De lo relacional en el arte como recurso imaginativo para la construcción de la paz. **Aletheia (Revista de Desarrollo Humano, Educativo y Social Contemporáneo)**, v. 9, n° 2, 2017, pp. 94-113. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/aleth/v9n2/2145-0366-aleth-9-02-94.pdf>

PERISSINOTTO, Renato; STUMM, Michelli Gonçalves. A virada ideacional: quando e como ideias importam. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 25, ed. 64, p. 121-148, dez 2017.

SCHMIDT, Vivien A. Taking ideas and discourse seriously: explaining change through discursive institutionalism as the fourth 'new institutionalism'. **European Political Science Review**, [s. l.], p. 1-25, 2010.

SCHMIDT, Vivien A. Reconciling Ideas and Institutions through Discursive Institutionalism. In: BÉLAND, Daniel; COX, Robert Henry. **Ideas and Politics in Social Science Research**. [S. l.]: Oxford University Press, 2011. p. 47-64.

SHANK, Michael; SCHIRCH, Lisa. Strategic arts-based peacebuilding. **Peace & Change**, v. 33, n. 2, p. 217-242, 2008.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

APÊNDICE A – PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. Quais eram suas expectativas antes de participar das ações na escola?
2. Como foi a interação com as crianças no primeiro contato?
3. Teve algum fato que te marcou durante os dias de ação?
4. Suas experiências têm sido como você esperava?
5. Como a arte pode ser integrada na construção da paz? Pode indicar indícios de que a arte esteja auxiliando nesse processo?
6. Você consegue perceber algum impacto no comportamento ou nas falas das crianças?
7. Teve alguma atividade ou acontecimento que mudou sua própria perspectiva do que é paz e o que é conflito?